

Defino posições

Sou um dos primeiros a reconhecer a generosidade de intenções duma parte da novíssima geração. Mais, ainda que me não creiam: um dos primeiros a sentir-me, sob êsse ponto de vista, muito simpatizante com ela. Sou um dos primeiros a reconhecer que, na vida da maioria dos homens, é exactamente a juventude a quadra mais fecunda pela generosidade das intenções, o calor do coração, o entusiasmo na luta pelos grandes fins, o inconformismo perante a rotina, a mesquinhhez, o baixo interesse. De aí o meu amor à juventude. Mas ninguém que verdadeiramente ame a juventude, com aquêl amor sério que se recusa a adular, pode deixar de simultaneamente apoiar e a discutir. Porque se a juventude tem grandes virtudes, não deixa de ter grandes defeitos. Por exemplo: prefere, em regra, os mestres que a adulam. Ora eu não pretendo ser mestre dos meus camaradas; nem quero adular ninguém. Não quero ser senão um homem que, quando fale, mereça alguma atenção aos outros homens. Aqui, porém, começa a luta; e não a luta fecunda, alegre, sã (aquela da qual eu não desejo afastar ninguém! à qual antes queria chamar tôda a gente!) — mas a luta inglória e miserável: a que descontenta, deprime, azeda, esgota, enfurece, para quasi nada conseguir. É que outro dos defeitos da juventude é a débil capacidade não tanto do necessário discernimento como, sobretudo, da necessária atenção a compreender qualquer posição, doutrina, pensamento ou individualidade menos simplistas. Não sou eu o primeiro (infelizmente não serei o último) a quem uma parte da juventude atribue posições e juízos que o acusado de modo nenhum reconhece seus. A incultura em que Portugal ainda jaz — torna entre nós tudo isso mais *grosso*. E o perturbado momento que todos atravessamos (e a que nenhum de nós é insensível, escusam de fingir crê-lo!) parece justificar que aquêles mesmos que mais gritam e accusam ao mesmo tempo se recusem a examinar, a discutir, a analisar, a reflectir, a distinguir, — a pensar. Ora quem se recusa a estas operações do espírito pode, talvez, impor a sua vontade, a sua doutrina ou o seu interesse às pobres massas incultas; mas não pode falar em as *cultivar*. Tampouco pode tratar de literatura, arte, crítica, etc., — actividades do espírito que, sem espírito, não podem ser abordadas. O que pode é fazer discursos de comício e propaganda de coreto: coisas que infelizmente também são necessárias, mas estão longe de ser tudo ou o melhor.

Não desanimemos, porém. Eu, pelo menos, não sou da raça de desanimar às primeiras. Isso queriam alguns dos que, contra a mais evidente das evidências, me accusam de sê-lo! Como, porém, o não sou; como não desisto de contribuir, na medida das minhas forças, para a cultura portuguesa; e como não admito que me encauem carapuças ainda mais pequenas do que a minha cabeça, — aqui me resolvo a fazer algumas declarações categóricas, que repetirei de cada vez que julgar útil, e para as quais ousou pedir três dedinhos de atenção aos meus jovens contendores de boa-fé e boa-vontade. Que os outros se enganem redondamente quando julgam que me dirijo a êles; — ou quando julgam representar a juventude portuguesa.

Assim:

1.º — Dou-me por satisfeito com as declarações de Álvaro Cunhal — um dêsses rapazes em quem *sinto* a sinceridade e a boa-fé — sobre o muito relativo interesse que lhes merecem (e provavelmente a seus companheiros) a literatura, a arte e a crítica. Afinal... estamos de acôrdo! Concebo perfeitissimamente a existência de homens a quem não interessem *em primeiro lugar* o génio literário e o discernimento crítico. Mas então, ¿ porque hão-de êsses homens falar, quasi exclusivamente, de literatura e crítica? Porque não hão-de ocupar-se directamente dos problemas que em primeiro lugar lhes interessam? Porque hão-de contribuir para a incultura geral persistindo em confundir tudo? Esta é a questão. O que em primeiro lugar interessa a um verdadeiro crítico, — é a crítica; a um verdadeiro artista, — a arte; a um verdadeiro matemático, — a matemática; etc. O que não quer dizer que tudo o mais se lhes torne indiferente. Inútil pretender seja quem fôr, em nome da *realidade*, desmentir estas realidades; e jogar com ingénuas abstracções ao atacar o nobre espírito de abstracção. Inútil pretender seja quem fôr, em nome dum pragmatismo que, a vingar, esmagaria tôda a vida sob o seu exclusivismo infantil e feroz, atacar a divisão de trabalho e a variedade das vocações, — afinal tão defensáveis perante qualquer pragmatismo mais esclarecido!

2.º — De modo nenhum me sinto um desalentado, um cansado, um homem que foge e renuncia. De modo nenhum tento atrair os outros ao desalento, ao cansaço, à renúncia. Noto que se lembram alguns de me chamar tôdas essas tristes coisas no próprio instante em que, obedecendo ao seu apêlo e descendo ao terreiro, mais activa-

mente luto contra as suas confusões, inexactidões e leviandades. Constato que ao mesmo tempo me acusam de cansado e de polemista; e que, vendo em mim um triste desalentado, um infeliz solitário, — me tentam meter a ridículo por eu *me cansar* em exortações à mocidade. Tudo isto me parece curiosíssimo!

3.º — Mas compreendo muito bem que um António Nobre escreva o *Só*, um Antero os *Sonetos*, um Baudelaire *As Flores do Mal*, um Wilde as *Intenções*, etc., etc., etc., como compreendo que um Zola, um Barbusse, um Gorki, um Jorge Amado ou um Ferreira de Castro produzam as suas obras. Vou mais longe: Penso que tão necessários são uns como outros ao verdadeiro progresso da humanidade. Satisfaz-me a riqueza, a amplidão, a complexidade, a variedade do espírito humano. Julgo que não pode haver verdadeiro progresso onde essa riqueza, essa amplidão, essa complexidade e essa variedade não forem tomadas em linha de conta. Queria — sonho demasiado grande para mim, que sou pequeno! — poder percorrer a infinita diversidade da vida, entrevendo na viagem qualquer coisa da sua unidade essencial. Com tal sonho impossível (mas não renunciar nem ao impossível é próprio do Homem) torna-se natural que eu ame ardentemente aquelas actividades, ou disciplinas, que por essência se instalam no eterno — a filosofia, a arte, a religião, — sem que por isso devam ignorar o temporal. Pois ao contrário do que julgarão os meus precipitados juizes, não penso que se deva ignorar o temporal por se aspirar ao eterno. Tôdas as formas da actividade humana me parecem legítimas, excepto as que se realizam no crime. De modo nenhum, portanto, desprezo aquelas actividades que por natureza se instalam no temporal e a êle visam: como a política, a técnica ou a pedagogia. Sei quanto elas são necessárias à felicidade do homem na terra — único lugar de que todos os homens teem a certeza. Mas nem por isso creio que as outras lhes devam ser sujeitas.

4.º — De modo nenhum sou partidário da *adoração do próprio umbigo*; nem creio que a minha obra (perdõem-me as pessoas de bom gosto ter de me referir à *minha obra*) seja uma *propaganda do próprio umbigo*; ou *uma expressão dolorosa da fuga, do cansaço, da renúncia, daqueles que não teem força e sensibilidade para permanecerem corajosamente onde se degladiam as multidões*. (Frases de Álvaro Cunhal no n.º 615 da *Seara Nova*). Jesus, que esquisitas interpretações! e que juízos simplistas! Nunca julguei que alguém pudesse ao mesmo tempo fazer-me o favor de me conceder algum talento, e o desfavor de o reduzir a tão pouco. É chocante e lamentável ter um artista de entrar em explicações da sua própria obra.

Mas neste nosso caro Portugal, nada custa serem aceites pela desatenção pública, como verdades evidentes, as mais levianas afirmações sôbre qualquer livro que não exhiba a inteligibilidade da *Rosa do Adro*... Acresce que, em servindo essas afirmações a conveniência de alguns, — não cessam êsses alguns de aproveitá-las. ¿Que remédio, pois, senão sujeitar-me eu ao ridículo de vir aqui gritar que não!, não!, não é verdade!, — não adoro o próprio umbigo!? Agora pensar que não pode haver poesia dramática, nem romance, nem teatro, nem muitas outras coisas, sem conhecimento do homem, sim! penso-o. Penso que o estudo tanto quanto possível aprofundado do homem — e em todos os seus aspectos — é essencial e necessário à literatura; mau grado o timorato ou ressentido ódio do português pela psicologia. Alegra-me crer que a lenda da minha tal veneração umbilical nasceu de haver alguns dons de psicólogo nas minhas tentativas literárias; embora me entristeça constatar como tão pouca gente reconhece: *a*) que algumas vezes eu tive a coragem de pôr na minha própria bôca misérias pelo menos tão observadas nos outros como em mim; *b*) que sei não ser eu, homenzinho particular, o que nos meus livros pode interessar os outros, mas o que através dêsse homenzinho particular se revele do homem universal, do homem eterno, de todos os homens; (mais modestamente: pelo menos, do homem duma certa raça e duma certa época); *c*) que sou eu próprio, adorador do eu, quem usa as mais violentas e sarcásticas expressões contra aquele excesso de particularismo, subjectivismo, individualismo, de que, tomando *demasiado à letra* vários passos duma obra ainda no comêço, me acusam os meus jovens adversários.

Bem certo que as pessoas capazes de reconhecer alguma verdade nisto que digo — são poucas mas boas. Sem isso não teria eu o tom seguro em que falo, e de que peço desculpa a essas e outras pessoas de bom gosto.

5.º — Continuando a pedir perdão aos leitores de bom gosto: Julgo que em todos os meus livros se procura dizer alguma coisa do homem tanto na sua atracção pelos abismos como na sua tentação das altitudes. Em todos, através, embora, de escuras divagações pelas nossas fraquezas e taras, se vinca uma confiança persistente na dignidade do espírito humano e grandeza dos seus fins. É ao optimismo transcendente que êles conduzem ou tendem a conduzir; através, embora, de tôdas as aparências ou reais manifestações de pessimismo.

Quando Álvaro Cunhal cita vários passos de *As Encruzilhadas de Deus*, esquece que chamei *poema* (e não *poemas*) a êsse livro; e que os versos citados não são senão passos duma viagem

cheia, sim, de rodeios, quedas, hesitações, regressões, etc., no entanto pertinaz e contínua, até uma atitude mística na qual a *adoração do próprio umbigo* seria totalmente inadmissível. No livro de que Álvaro Cunhal cita alguns versos de alguns poemas — obra tãda embebida de *espírito dialéctico*, como aliás os meus outros livros — há poemas com versos muito diferentes. Por exemplo: *Fantasia sobre um velho tema; Carta de amor; Confraria; Canção de guerra; Cáos; Amen; Alegria*; etc. E há a *Sarça ardente* (que chamaria cúpula do livro se a palavra me não parecesse pretenciosa) na qual se canta a superação do homem particular, *todo enrolado em caracol enfêrmo*, pelo Homem alargando-se na intuição e no amor de Deus. Bem sei não ser esta solução mística de molde a lisonjear os que, não atendendo senão a problemas de ordem económica e social (aliás muito para atender) não exigem a gritos autoritários senão soluções económicas e sociais. Quer queiram quer não, há, porém, outros problemas dos quais depende o futuro da humanidade.

Com a sua *involuntária vontade* de me ver estreito (posição comum a vários rapazes de hoje perante quem incondicionalmente os não aplauda) pouco viu Álvaro Cunhal das direcções do meu livro que cita. A ler os outros com os mesmos olhos, — inútil lê-los.

6.º — Suponhamos, porém, que nos achamos perante uma obra verdadeiramente pessimista: Certos sonetos de Antero, por exemplo. Seja essa obra grande, seja bela, seja humana, exprima superiormente qualquer dos nossos eternos motivos de sofrimento, — e contribuirá para o verdadeiro progresso da humanidade; que é um progresso total. O simples facto de haver realizado uma obra implica um triunfo do vencido. Os outros homens lho agradecerão. E em tendo necessidade de ver exprimido o seu sofrimento, irão procurar essa obra pessimista e redentora. O fim da arte não é substituir a ovomaltine, o bismuto, as alocações à moda de Hitler, o óleo de fígado de bacalhau ou os banhos frios.

7.º — Julgo levianíssimo (embora hábil... sob certo ponto de vista) que do conteúdo e forma da obra artística e crítica dum homem se induza o seu desinteresse por questões de outra natureza. Conheço vários homens cuja obra de pensamento, crítica ou arte se mantém alheia, ou relativamente alheia, aos problemas urgentes do nosso momento histórico, — sem que, na vida, tenham fugido a tomar as atitudes mais categóricas e a manifestar o mais activo interesse por êsses mesmos problemas. Perante êsses homens, cujo nome poderia citar, e cuja posição não é senão uma prova da sua riqueza, a atitude de alguns rapazes da novíssima geração chega a atingir a calúnia; e torna-se

duma injustiça que seria simplesmente revoltante, se a não desculpassem a inexperiência e a levianidade dos *verdes anos*.

8.º — Mas compreendo perfeitamente que um poeta, um artista plástico, um matemático, um metafísico, um crítico de arte, um botânico, etc., etc., — se possa absorver na sua obra a ponto de não poder interessar-se pelos problemas vitais mais instantes da sua época... ou da sua casa. Não deixam por isso de colaborar no progresso da humanidade. Ou antes: É assim que alguns dêles melhor contribuirão com a sua parte. Nem tãda a acção é imediata e directa. ¿Quantas vezes terão estas coisas sido ditas? Mas a maioria dos rapazes e rapazinhas da novíssima geração mostram-se incapazes de não cair, pelo que diz respeito a êste ponto, nas mais confrangedoras confusões. E como sistematicamente se recusam a pensar um bocadinho (êles que se propõem, céus! *cultivar* as massas incultas!) torna-se muito difícil fazer-lhes compreender que a divisão de trabalho é uma necessidade quer adentro dos indivíduos quer das sociedades. Pobres rapazes que tanto falam da *realidade* e da *vida*, com os olhos tapados para tantas coisas duma e doutra! ¿Como compreenderão êles que no bôlso de alguns homens mortos na Grande Guerra — homens que, portanto, a cada momento arriscavam *realmente* a vida, *realmente* e não em sentido metafórico, — fôssem achados poemas que falavam de Deus, do luar, ou do amor duma mulher? Como compreenderão que a própria vida, com todos os seus problemas urgentes, possa valer menos, para certos predestinados, do que a obra que se sentem chamados a realizar? E como compreenderão que ainda estão longe de ser suficientemente cultos para empreender cultivar os outros, — e que não há concepção alguma de cultura que a dispense de ser uma aquisição individual? Mas não desesperemos. Êsses rapazes que tão brutalmente, às vezes tão grosseiramente, fecham a porta ao Sonho — fecundo incentivo de tudo o que é grande! — também sonham muito. Isso mos torna profundamente simpáticos, por mais antipático que eu lhes seja. Creio bem que os melhores dêles algum dia saberão muita coisa que hoje ignoram.

9.º — Acho singular que se fale da obra dum autor relativamente novo (supunha que os meus jovens antagonistas me não tomassem demasiado à letra quando falo da minha velhice...) como se êle já não pudesse ou não sonhasse fazer nada diverso; como se a sua obra estivesse acabada, ou irremediavelmente condenada a repetir-se. Espero, eu, se Deus quiser e me der vida, fazer ainda algumas coisas que não sejam repetição do já feito. Bem certo, porém, que não farei senão o que estiver adentro das minhas possibilidades

de sentir, imaginar, pensar, realizar. Não esmolo a ninguém que me leia. Não adulo nenhuma facção. Não aspiro à popularidade fácil nem à glória do momento. Dum modo geral, não sou homem para ortodoxias. Não admito que se pretenda impor *temas* ou *formas* a um artista. Melhor: não admito que se pretenda impor nada a um trabalhador intelectual. Amo a liberdade do espírito criador, do espírito especulativo, do espírito crítico, do espírito científico. Não escrevo senão para mim (volto a pedir perdão às pessoas de bom gosto a quem estas declarações insistentes forçosamente chocarão um pouco) — e para os contemporâneos ou futuros que me entendam alguma coisa e me critiquem inteligentemente. De entre os contemporâneos, já alguns são; e, graças a Deus, dos melhores e de sectores diferentes. Isso bastaria a dar-me o ânimo necessário a continuar a trabalhar. Alguns — teem-me honrado mais do que eu mereço. Digo-o sem falsas modéstias que não tenho. E se faço algumas destas afirmações em tão seguro e altivo tom, é que as sinto não só minhas mas de toda uma geração a que me orgulho de pertencer.

10.º — E para terminar êste já longo arrazoado: Não tenho por inferior ao de nenhum dos meus contendores o meu amor pelos desherdados de qualquer espécie; nem a minha vontade de contribuir para o melhoramento das condições económicas, sociais, culturais e morais em que tantos tão injustamente se encontram. Simplesmente, não é o meu amor produto de nenhuma ortodoxia, cartilha, ou credo político: Antes enraíza num

profundo sentimento de fraternidade e justiça. De aí que eu não possa falar a linguagem *técnica* dos ortodoxos nem repetir a senha dos iniciados. Basta de confusões, porém!: ¿Trata-se de fanatismo por seja que doutrina fôr, ou de amor pelos nossos irmãos mais infelizes? do *dever* de vir em seu auxilio? Se é da primeira coisa que se trata, eu tenho crenças como toda a gente; mas repilo todos os fanatismos. Se é da segunda, poderia muito bem entender-me com os próprios que mais me censuram.

Certo é que bem pouco tenho feito por êsses desherdados; ou bem pouco tenho podido fazer. Com profunda mágoa o confesso. Não sei se os que me censuram terão *realmente* feito muito mais. Espero, por mim, também nesse ponto progredir alguma coisa. Emquanto, porém, são armas as canetas de tinta permanente e de papel os campos de batalha (embora gostosamente se iludam muitos jovens julgando arriscar a vida) — ¿porque não evitarmos contínuos malentendidos? Admiro aquêles homens que, muito capazes de fina e directamente atacar um problema de estética ou pedagogia, atacam directamente um problema de economia ou sociologia quando se trata de procurar resolver a tremenda crise actual. Um António Sérgio, por exemplo: para citar um dos mais completos exemplos da nossa terra. Mas uma das infelicidades da novíssima geração é escolher muito mal os seus mestres! Verdade se diga que os bons mestres pedem mais.

José Régio



Arte, Política e Liberdade

Para o espírito livre — ou seja: para aquêles espírito ao qual não foi feito o dom supremo dum Absoluto, Absoluto que êle considerará coerentemente de raiz divina ou incoerentemente de raiz humana — não existe, ou não existe ainda, se quiserem, uma Verdade única: o que existe, de-facto, são pontos de vista. E pontos de vista todos êles igualmente admissíveis, todos êles dignos de atenção, todos êles justos. Assim, que, na complicada construção dum edificio, o carpinteiro considere tudo sob o ponto de vista da carpintaria, o pedreiro sob o ponto de vista da alvenaria, o pintor sob o ponto de vista da pintura, são realidades contra as quais o espírito livre nada tem que dizer. Nada mais natural, — e nada talvez mesmo mais necessário.

Ora a Vida, todos o sabem, é uma coisa infinitamente complexa. Os lados, as facetas das coisas (facetas umas habituais, outras raramente apon-tadas) são em número infinito. Por outro lado,

em número infinito (porque o homem é vário) são também os pontos de vista. E o espírito livre não pode por isso admirar-se que as coisas sejam vistas pelos homens de maneiras quasi sempre muito diferentes.

Eis porque nós (que, confessâmo-lo, pretendemos ter um espírito livre) não podemos condenar sem apêlo um político pela simples razão que sistematicamente êle encara tudo do seu ponto de vista de político. Tudo — e até mesmo a arte. Nada mais natural, nada talvez mesmo mais necessário. Nada ao mesmo tempo mais coerente. Não coerente seria que êle olhasse a arte do ponto de vista do financeiro, ou do comerciante, ou do lavrador, ou mesmo — vá lá! — do ponto de vista do artista. Não coerente seria que êle olhasse a arte sucessivamente de vários pontos de vista. Não coerente seria que êle olhasse a arte dum ponto de vista que não fôsse estritamente o seu.

Mas se a vida exige porventura que cada qual